

Do Automóvel Oficial

Raul PILLA

25.9.45

(Copyright dos "Diários Associados")

É o automóvel, em nosso País, um símbolo: o símbolo do Poder. Tem automóvel a gente rica, ao passo que os pobres ou os remediados não andam senão a pé, de bonde ou de ônibus. E têm automóvel à sua disposição os altos funcionários ou dignitários do Estado. Em suma, os potentados.

Procurando explicar o singular apêgo que, no Brasil, se tem geralmente aos cargos elevados para manter os quais se sofrem muitas vezes tôdas as humilhações, já disse alguém ser o auto oficial, que dá comodidade e importância, a causa principal da anomalia. Parece haver realmente muito de acertado nesta observação. Nos dias atuais, constitui o automóvel oficial o símbolo mais comum e prestigioso do Poder.

Outro aspecto característico é que nenhuma distinção se faz entre o uso oficial e o uso privado do veículo. Para a grande maioria, não se acha este à disposição da função, mas a serviço do indivíduo e, portanto, da sua família e dos seus amigos.

Ora, a este respeito narra Gastão Pereira da Silva, em sua biografia do "Brigadeiro Eduardo Gomes" um fato que vem pôr em singular relêvo o candidato democrático:

"Tôdas as tardes, ao fim de seu trabalho, o Brigadeiro Gomes, antes de regressar para Petrópolis, faz questão de encontrar sua irmã que trabalha na Caixa Econômica! Afetivo, gosta de acompanhá-la durante o trajeto para a serra. Dispondo de um carro oficial, nada mais fácil seria do que utilizá-lo, subindo a serra com o máximo conforto possível. Mas ele só uti-

liza essa condução até determinado ponto, que é onde encontra a irmã.

— "Alguém perguntou ao Brigadeiro porque não aproveitava o carro para a subida da serra.

"Ele respondeu tranquilamente:

— "Porque o carro não me pertence.

"E explicou que, sózinho, sem sua irmã, não vacilaria em utilizar esse veículo até Petrópolis. Mas, ao lado de quem quer que fôsse, que não estivesse a serviço do Estado, ele não se sentiria bem em partilhar uma propriedade que não era sua.

"Essa é a razão por que o Brigadeiro prefere seguir, quase sempre, democraticamente, numa condução melancólica e incômoda como a que utiliza".

Dados os costumes vigentes, quererão vêr alguns, neste fato, um excesso de escrúpulos. Que mal haveria — indagarão — em que, podendo o automóvel subir a Petrópolis para conduzir o Brigadeiro, levasse também a irmã?

A verdade é, porém, que o verdadeiro caráter se traduz melhor com fatos triviais, com ações que se podem indiferentemente praticar ou não, do que com atos mais importantes, a respeito dos quais se exerce a contenção social.

Assim, quanto ao Brigadeiro Eduardo Gomes, poderemos ter a certeza de que ele nunca transporá, no govêrno, a divisa entre o pessoal e o coletivo, entre o particular e o oficial, entre o meu e o nosso.